

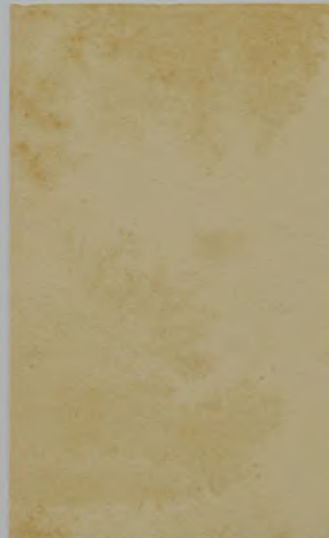
nara roesler



sp-arte
rotas brasileiras

24 – 28 de agosto, 2022
estande b4

arca
av. manuel bandeira, 360
vila leopoldina, são paulo



abraham palatnik
amelia toledo
angelo venosa
antonio dias
artur lescher
berna reale
brígida baltar
bruno dunley
cao guimarães
carlito carvalhosa
cássio vasconcellos
cristina canale
daniel senise
jonathas andrade
karin lambrecht
laura vinci
lucia koch
manoela medeiros
marcelo silveira
marcos chaves
maria klabin
paulo bruscky
rodolpho parigi
sérgio sister
thiago barbalho
tomie ohtake
vik muniz

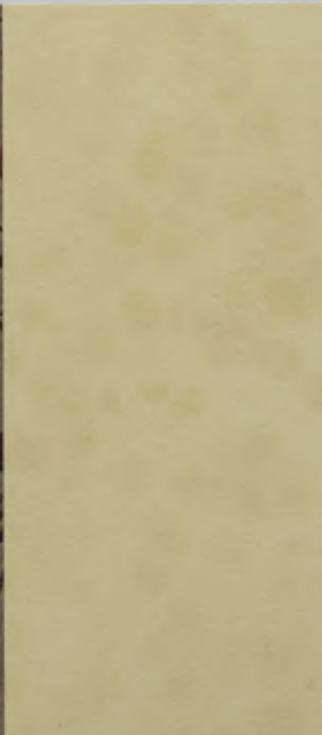
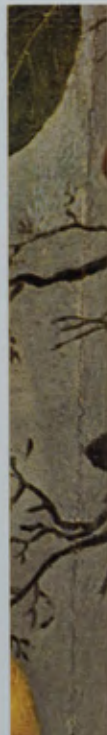
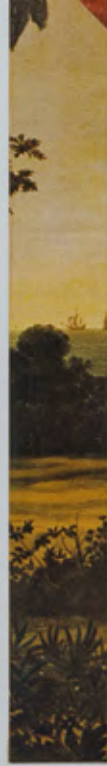
Eckhout (2021) integra a série *Livros*, em desenvolvimento desde 2008, e se assemelha aos *Escaninhos*, também de **Daniel Senise**, pois a composição das telas segue os mesmos princípios formais. O que difere é a matéria-prima utilizada. Neste caso, o artista se apropria de diversos livros de arte, mas também de enciclopédias e atlas, cortando e justapondo em colagens os seus fragmentos.

A organização pode seguir diversos princípios que, muitas vezes, explicitam-se nos títulos dos trabalhos. Os critérios podem ser cromáticos ou variar de acordo com a origem desses recortes. Em *Eckhout*, Senise se vale de imagens retiradas de um livro dedicado ao pintor holandês que realizou, no século XVII, diversas imagens do Brasil, em especial da sua natureza e da população nativa. Fragmentadas e organizadas por Senise em composições em perspectiva, nós não vemos as pinturas de Eckhout em sua inteireza, mas apenas fragmentos das mesmas.

saiba mais sobre o artista

Daniel Senise
Eckhout, 2021
colagem de páginas
de livro sobre alumínio
110 x 110 cm





Cristina Canale despontou na década de 1980 como parte do icônico grupo do Rio de Janeiro conhecido como Geração 80, agremiação de jovens artistas que buscavam se desvincular das práticas artísticas herdadas do passado. Desde então, a artista tem produzido uma obra pictórica inigualável, caracterizada pelo incansável questionamento das potencialidades da pintura.

Em *Eu e o coelho* (2004) encontram-se interligadas tanto a fluidez dos primeiros trabalhos, de Cristina Canale, quanto o minimalismo e a clareza de peças posteriores. A presença singular da cor em seu trabalho faz de suas pinturas representações de um universo fluído, quase líquido. Sua iconografia não possui características marcantes. Instaura-se, assim, uma atmosfera fabular, ou onírica em que os poucos elementos reconhecíveis de seus arranjos parecem ancorar seu trabalho na nossa realidade.

saiba mais sobre a artista



Cristina Canale
Eu e o coelho, 2004
tinta acrílica sobre tela
180 x 200 cm





O caráter pictórico das ruínas de **Manoela Medeiros**, verificado em *Ruína Paisagem* (2022), é o mais recente desdobramento da série Ruínas. Para realizar estes trabalhos, Medeiros acumula sobre a superfície da tela diversas camadas de tinta, em diferentes cores. Ao final, ela raspa essas camadas, fazendo emergir as sucessivas etapas da feitura da pintura, deixando-as conviver em um único espaço, evocando a estrutura pictórica de uma paisagem. Medeiros opera entre a construção e a destruição, valorizando sua complementaridade ante seu caráter antagônico.

saiba mais sobre a artista

Manoela Medeiros
Ruínas paisagem, 2022
pintura e escavação sobre tela
120 x 150 x 4 cm







Desde a década de 1970, **Paulo Bruscky** vem realizando uma série de experimentações que vão desde ações em espaços públicos a anúncios em jornais, passando por instalações, vídeos, entre outros. Sua relação com a linguagem está presente não apenas em sua obra conceitual, mas também em seus poemas e poesia visual. *Catálogo da Poesia Concreta* (2016) e *Palarva – Noções de mineralogia e geologia* (2012) são intervenções do artista sobre capas de livro, manifestações do versátil e potente olhar poético de Bruscky, que une e transforma fragmentos banais da linguagem cotidiana com elementos encontrados e extraídos da natureza.

Paulo Bruscky
Palarva – Noções de mineralogia e geologia, 2012
interferências mistas
sobre capa de livro e pedra
edição de 1
21,5 x 14,5 cm



Paulo Bruscky
Catálogo da
Poesia Concreta, 2016
interferências mistas
sobre capa de livro
15 x 11 cm

MINERALE

1-2 **Schwefel**. S. Orthorhombisch. Oft in schönen Kristallen von bipyramidalen Ausbildung (S. 13/32); in körnigen und dichten Massen, auch erdig und als Anflug. H 1,5-2. G 2,1. Schwefelgelb bis gelbbraun. Spröde (Kristalle zerpringen leicht schon in der warmen Hand). Als Abscheidungen an Vulkanen und heissen Quellen. Grössere Lagerstätten sind meist sedimentär und durch Reduktion aus Sulfaten (Gips, Anhydrit) entstanden. [1 Sizilien; 2 Bex, Wallis.]

3-4 **Diamant**. C. Kubische Kristalle. Oft mit gerundeten Kanten und Flächen; auch in einzelnen Körnern und dichten Massen. Härtestes Mineral (H 10). G 3,5. Farblos klar, auch leicht gefärbt; auch trübe, grau bis schwarz. Verbrennt im Sauerstoffgebläse zu CO_2 . Edelstein! Primär als Gemengteil von olivinreichen Eruptivgesteinen (Kimberlit), die in vulkanischen Explosions-schlotten aus grosser Tiefe aufgedrungen sind. Sekundär in Sanden und Schottern (sog. Seifen). [3 Modell des Cullinan, des grössten Diamanten der Welt, gefunden 1905 bei Pretoria, Südafrika; 4 Modell des Brillantschliffs.]

5-6 **Graphit**. C. Hexagonal. Meist in blättrigen bis schuppigen Aggregaten oder erdigen Massen. Metallglänzend, schwarz und sehr weich (H 1), auf Papier schwarz abfärbend. G 2,2. Strich schwarz. In Gesteinen, die durch Metamorphose kohligler Sedimente entstanden sind (Graphitgneise und -schiefer, siehe S. 61/7); untergeordnet auch in Eruptivgesteinen. [5 Ceylon; 6 Alp Pedriolo, Tirol.]

7-10 **Gediegen Gold**. Au. Kubisch. Kristalle selten. Meist in blechförmigen bis drahtartigen Gebilden oder in einzelnen Körnern, Blättchen und Schüppchen; auch in grösseren Klumpen auf sekundärer Lagerstätte. Weich (H 2,5-3), geschmeidig und hämmerbar. Hohes spezifisches Gewicht (G 16-19). Goldgelb, mit gelbem Strich. Primär besonders auf Erzgängen (Goldquarzgänge), die an Eruptivgesteine gebunden sind, oder in vulkanischen Gesteinen eingesprengt. Durch Verwitterung in Schottern und Sanden («Seifen») angereichert; bisweilen in feiner Verteilung auch in Sandsteinen und Konglomeraten (Nagelfluh des Napfgebietes, Schweiz; Witwatersrand-Konglomerate, Südafrika). [7 mit Calcit, Calanda Graubünden; 8 mit Quarz, Kalifornien; 9 Brad, Siebenbürgen; 10 Waschgold, aus Sanden des Napfgebietes, bei Trubschachen.]

11-12 **Gediegen Silber**. Ag. Kubisch. Bisweilen in gut ausgebildeten Kristallen; meist in drahtförmigen, gebogenen bis verschlungenen Aggregaten von silberweisser, gelblicher oder bräunlicher Farbe. H 2,5-3. G 9,5-12. In den oberen Zonen vieler Silbererzlagerstätten; meist sekundär aus sulfidischen Silbererzen hervorgegangen. [Mexiko.]

13 **Gediegen Kupfer**. Cu. Kubisch. Ähnlich wie Gold in blech-, draht-, moosförmigen und ästigen Gebilden. H 2,5-3. G 8,5-9. Kupferrot, oft matt und braun angelauten. In der Oxydationszone von sulfidischen Kupfererzen. [Sibirien.]

14-16 Die **Rotgültigerze** sind wichtige Silbererze. Sie kristallisieren trigonal in stark glänzenden Kristallen von roter Farbe, kommen aber auch derb, eingesprengt und als Anflug vor. H 2-2,5. G 5,6-5,8. **Pyrrargyrit** (dunkles Rotgültigerz) Ag_3SbS_3 , dunkelrot bis eisenschwarz, mit kirschrotem Strich. [14-15 Mexiko.]; **Proustit** (lichtes Rotgültigerz) Ag_3AsS_3 , scharlach- bis zinnberrot, Strich ebenso (heller als bei Pyrrargyrit). [16 Chile.]



Paisagem com chuva (1973/2016) surgiu após uma enchente no estúdio de Bruscky, devido a fortes tempestades sazonais em Recife. A chuva encharcou, transformando suas obras e de outros artistas que estavam arquivadas em seu estúdio, incluindo uma fotografia de Evgen Bavcar. Bruscky alega que “o surgimento dessas obras transformou minha tristeza em alegria. Minha intervenção passou a ser sobre aproveitar o destino, que sempre foi uma parte importante do meu trabalho e trajetória.” O trabalho é resultado, então, dessa tripla autoria, de Bruscky, Bavcar, mas também da própria natureza.

saiba mais sobre o artista





Podemos identificar no interesse de **Amelia Toledo** pela natureza a base do que viria a constituir sua conquista mais marcante, desembocado em investigações sobre o conceito de paisagem, assim como no emprego em seus trabalhos de pedras e conchas coletadas compulsivamente, entre outros elementos naturais. Em sua icônica série *Minas*, a artista faz uso de pedras para investigar cores, brilhos, transparências e as variadas formas da “carne” da terra.

Toledo criou composições nas quais as peças coletadas das profundezas de cenários naturais são dispostas em variados arranjos, inclusive em diálogo com materiais “modernos”, como o aço inoxidável. As rochas não foram submetidas a nenhum tratamento que alterasse suas características originais, sendo apenas polidas de modo a revelar seus desenhos internos feitos pelos delicados veios capazes de revelar sua temporalidade.

saiba mais sobre a artista

Amelia Toledo
*Mina de luz II # 02, da série
Minas de cor, 2006/2022*
quartzo cristal, aço corten
e aço inoxidável
one of a kind
70 x Ø 70 cm



Amelia Toledo
Mina de verde # 03, da série
Minas de cor, 2006/2021
fuchsite verde e aço
inoxidável espelhado
one of a kind
41 x Ø 85 cm





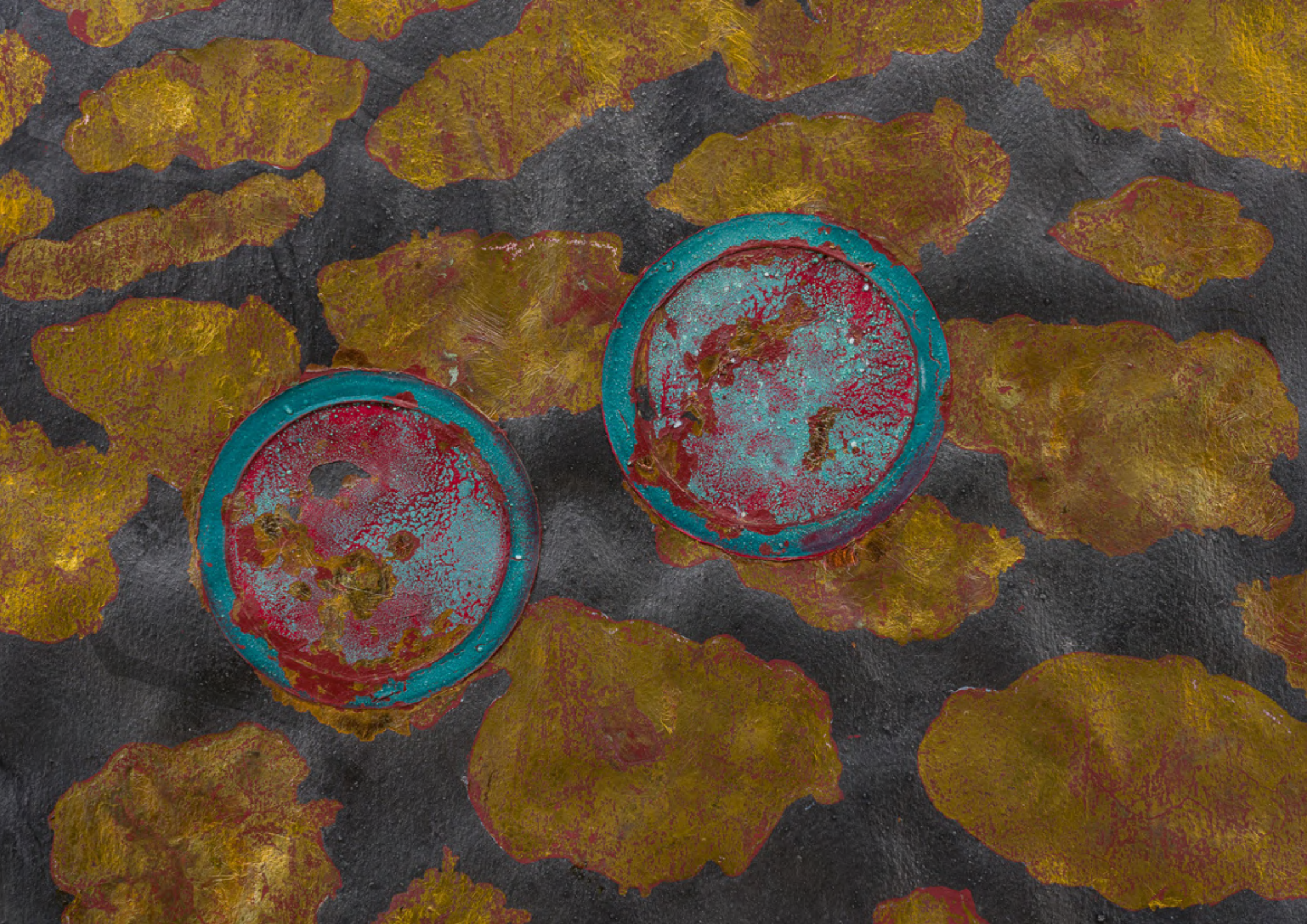


A partir da década de 1990, **Antonio Dias** começou a produzir uma série de trabalhos guiado pela ideia de “ocorrências”: ele jogava pigmentos em superfícies úmidas, permitindo que eles se espalhassem organicamente por toda a superfície. Por outro lado, ele retomou o uso de materiais metálicos, que conduzem eletricidade e reagem à atmosfera, transformando-se. O resultado são trabalhos ricos em luz, pela transparência dos pigmentos e pelo brilho das superfícies metálicas.

Como resumiu o crítico e historiador de arte Achille Bonito Oliva: "O classicismo de Dias consiste justamente em ter aceito, sem escândalo, o *acaso inteligente da vida*, a disponibilidade do universo. A arte é o lugar onde o artista formaliza tais princípios, englobando-os na obra atravessada por uma geometria que é desafiada pela assimetria e produz dinâmica em vez de estaticismo. Efetivamente, o artista sempre trabalha com *famílias de obras*, derivadas de matrizes capazes de multiplicação em formas complementares, porém, diferentes."

[saiba mais sobre o artista](#)

Antonio Dias
Sem Título, 1990s
grafite, cobre, malaquita
e ouro composto sobre papel
76 x 112 cm



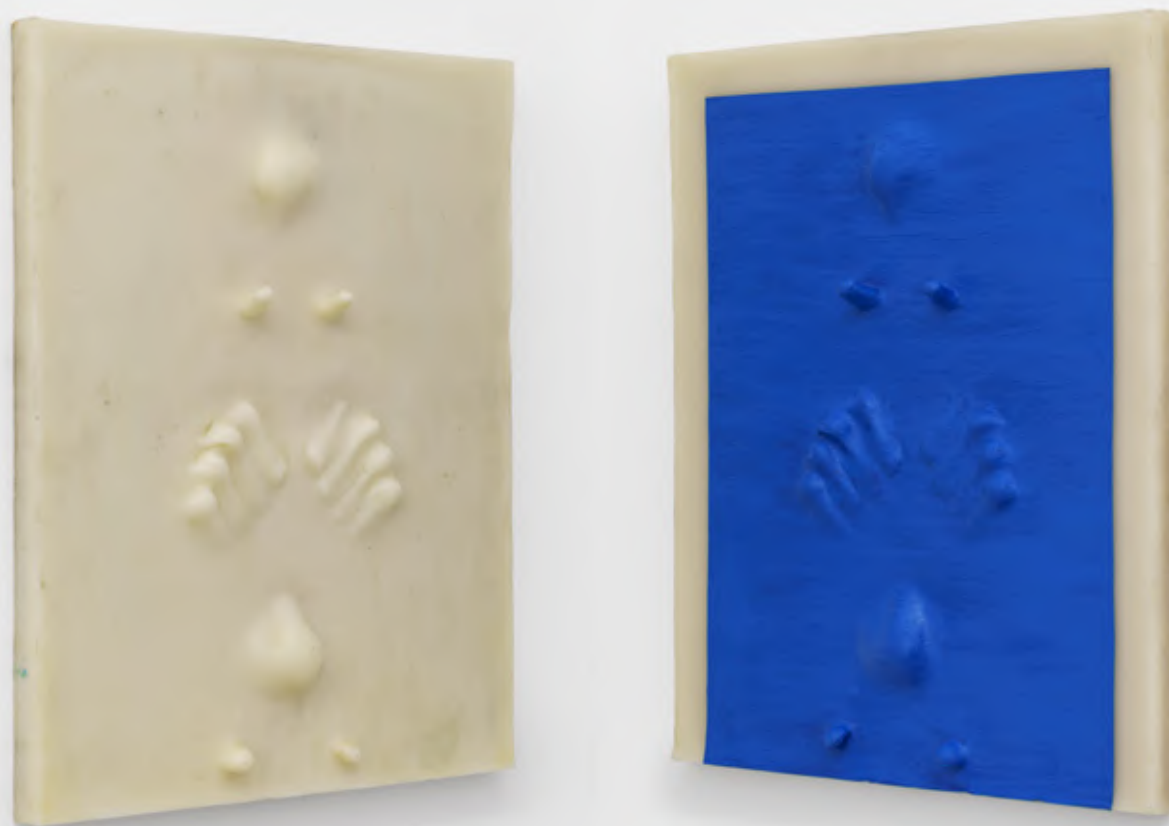
Os trabalhos recentes de **Angelo Venosa**, revisitam suas primeiras incursões no campo da escultura. Essas obras inaugurais eram feitas a partir de estruturas de madeira, cujas configurações remetiam às formas e articulações ósseas, sendo posteriormente recobertas por tecido e resina, conferindo rigidez, para serem então pintadas de preto. Venosa revisita este processo na elaboração de novas esculturas que nos remetem a fósseis, fragmentos ou corpos inteiros de criaturas desconhecidas, fazendo-nos refletir sobre as diferentes temporalidades presentes no mundo, o passado, o presente e o futuro; assim como nos oferece uma reflexão sobre a sobrevivência e a morte, o orgânico e o artificial. De fato, suas figuras sempre trazem algo de familiar e de estranho, de palpável, pela sua fisicalidade, e de mistério, pois ainda que apresentem características biomórficas, aliando a organicidade da forma com a artificialidade de sua concepção, por não nos permitem identificar um referente exato.

saiba mais sobre o artista

Angelo Venosa
Sem título, 2021
madeira, tecido
e fibra de vidro
edição de 3 + 2 PA
246 x 177 x 141 cm







Após a dissolução do Grupo Casa 7, onde **Carlito Carvalhosa** experimentou o gesto pictórico junto a seus colegas Nuno Ramos, Fabio Miguez, Rodrigo Andrade e Paulo Monteiro, o artista passou a realizar experimentos individuais com encáustica, cera e resina. Nos trabalhos em cera de Carlito Carvalhosas as mãos e dedos do artista tornam-se visíveis como traços que emergem do plano pictórico, invertendo a proposta clássica da pintura, em que o gesto é depositado na superfície.

No final de sua vida, ele retornou a esses trabalhos. “A ideia é pegar trabalhos dos anos 90 e refazê-los e então criar uma espécie de trabalho que é uma cópia de algo que eu já fiz, mas que tem um tempo muito grande entre eles”, explica Carvalhosa. Esses novos trabalhos em cera, os dedos do artista surgem como pequenas elevações sobre as quais zonas de cores sólidas desenham formas. Muitas vezes, o artista as organiza em composições com mais de uma peça, em conjuntos em que as relações entre superfícies e relevos, entre transparência da cera e opacidade da tinta, assim como entre as formas impressas pelos gestos e as feitas com pincel, tornam-se ainda mais evidentes.

[saiba mais sobre o artista](#)

Carlito Carvalhosa
Sem título (P50/18 - P37/19), 2018/2019
tinta óleo e cera sobre madeira
2 peças de 50 x 40 x 5 cm (cada)

Em 2016, **Bruno Dunley** participou da residência artística *Further on Air*, em East Hampton, no estado de Nova York. Estes trabalhos, produzidos durante a residência, apresentam cores vibrantes e pinceladas vigorosas que reinterpretem a paisagem exuberante do lugar.

Os trabalhos produzidos durante a residência receberam seus títulos em referência à exuberância da paisagem da região, capturando a preocupação característica do artista de investigar a pintura tanto como modo de expressão figurativa, quanto como meio de refletir sobre suas inerentes especificidades, tais como sua materialidade e o papel da representação na tradição artística.

saiba mais sobre o artista

Bruno Dunley
Sem título, 2016
óleo sobre madeira
26 x 20 cm

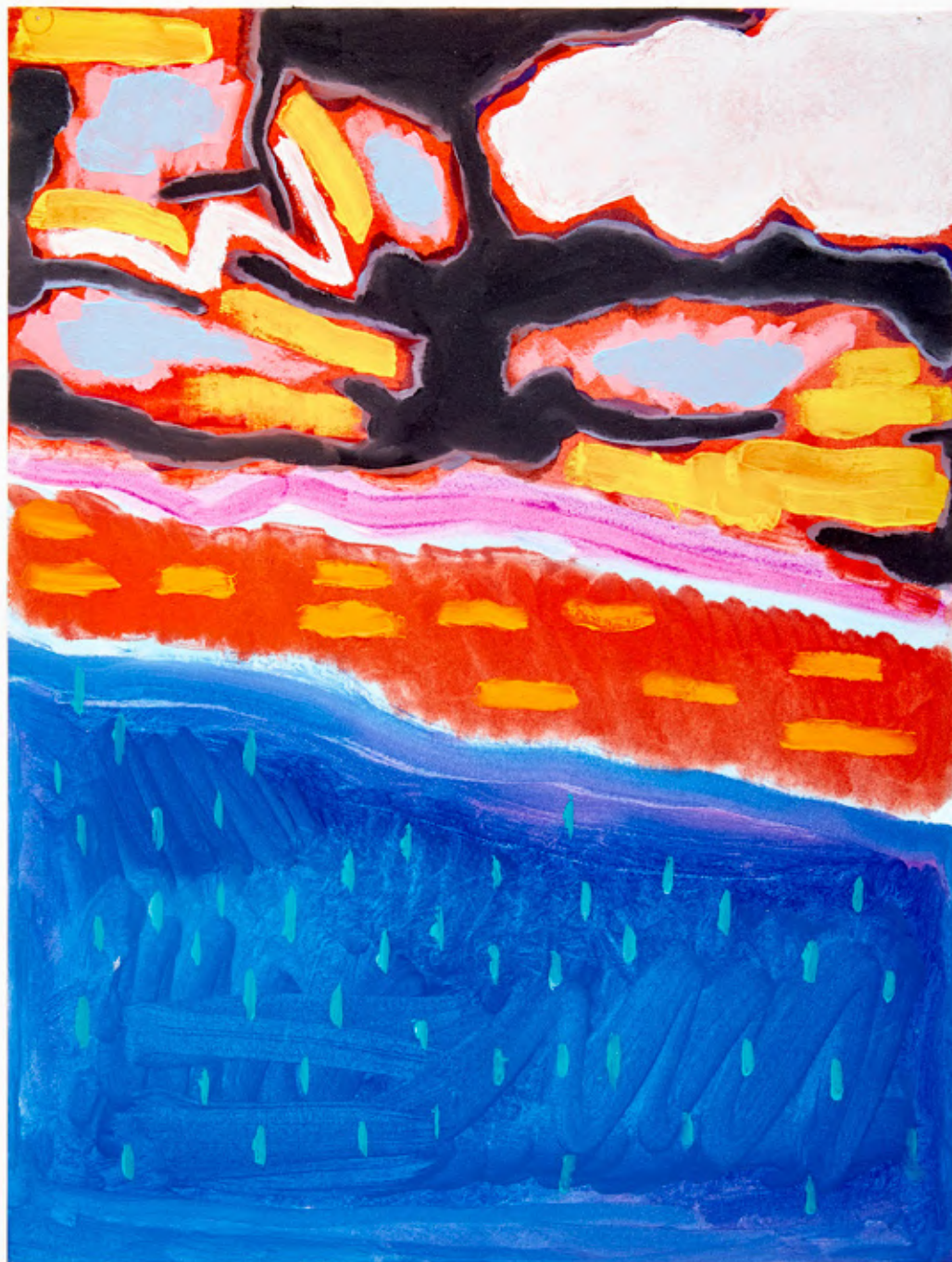




Bruno Dunley
Indian Wells Beach I, 2016
óleo sobre tela
21 x 25,5 cm



Bruno Dunley
Indian Wells Beach II, 2016
óleo sobre tela
21 x 25,5 cm



Bruno Dunley
Sem título, 2016
tinta óleo sobre papel
45,7 × 30,7 cm

Pedrita (2022), de **Artur Lescher**, é um trabalho recente feito em mármore que parte da junção de duas formas: a esfera e o cone. Esta última projeta-se da primeira como uma ponta que torna-se cada vez mais fina. A tensão que a forma gera no olhar do espectador se dá pelo modo como Lescher trabalha o material, investigando sua plasticidade para chegar na menor espessura possível.

saiba mais sobre o artista



Artur Lescher
Pedrita, 2021
granito
5/10 + 3 PA
66 × Ø 48 cm



Os trabalhos de **Cao Guimarães** são obras expandidas, estabelecidas no trânsito entre a película, a partir do uso de Super-8, o vídeo e a fotografia. Por meio de um olhar atencioso e afetuoso, sua obra constrói um inventário poético de momentos variados e visualmente marcantes da vida cotidiana, que expande a ideia e o vocabulário da forma documental. A série *Ventania* (2004/2021) visa catalogar aquilo que, em sua essência, é invisível: o ar. Guimarães registra os efeitos de sua ação sobre a natureza, em imagens cuja ausência de movimento, característica da fotografia, é compensada pela sequencialidade e justaposição.

saiba mais sobre o artista



Cao Guimarães
Ventania, 2004/2021
fotografia digital colorida
edição de 5
9 partes de 26 x 40 cm





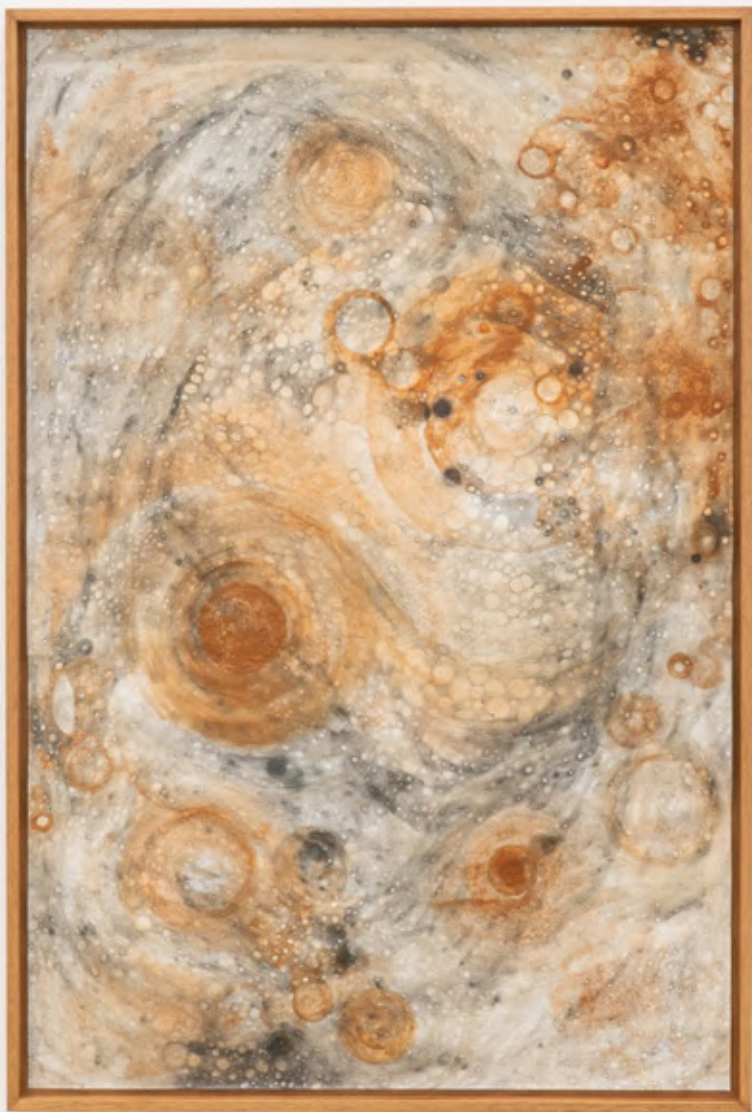
Brígida Baltar
Abrindo a janela, 1996
fotografias analógicas
transferidas para HD,
cor, sem áudio
edição de 4 + 2 PA
37"

No início da década de 1990, **Brígida Baltar** realizou uma série de ações intimistas na casa em que morava. Segundo a artista, “A casa tornou-se laboratório para o meu trabalho que foi se formando através de reflexões sobre o corpo, memória e construções de identidade.” *Feminino*, por exemplo, de 1994, foi feito no âmbito dessas investigações. Baltar deslocou o armário para a área externa, colocando-o diretamente sobre o solo, e espalhando a terra também em seu interior, entre gavetas e frestas. Para a artista, a terra apresenta qualidades primitivas e polaridades femininas.



Brígida Baltar
Feminino, 1994/2021
armário e terra
edição de 3
190 x 90 x 70 cm

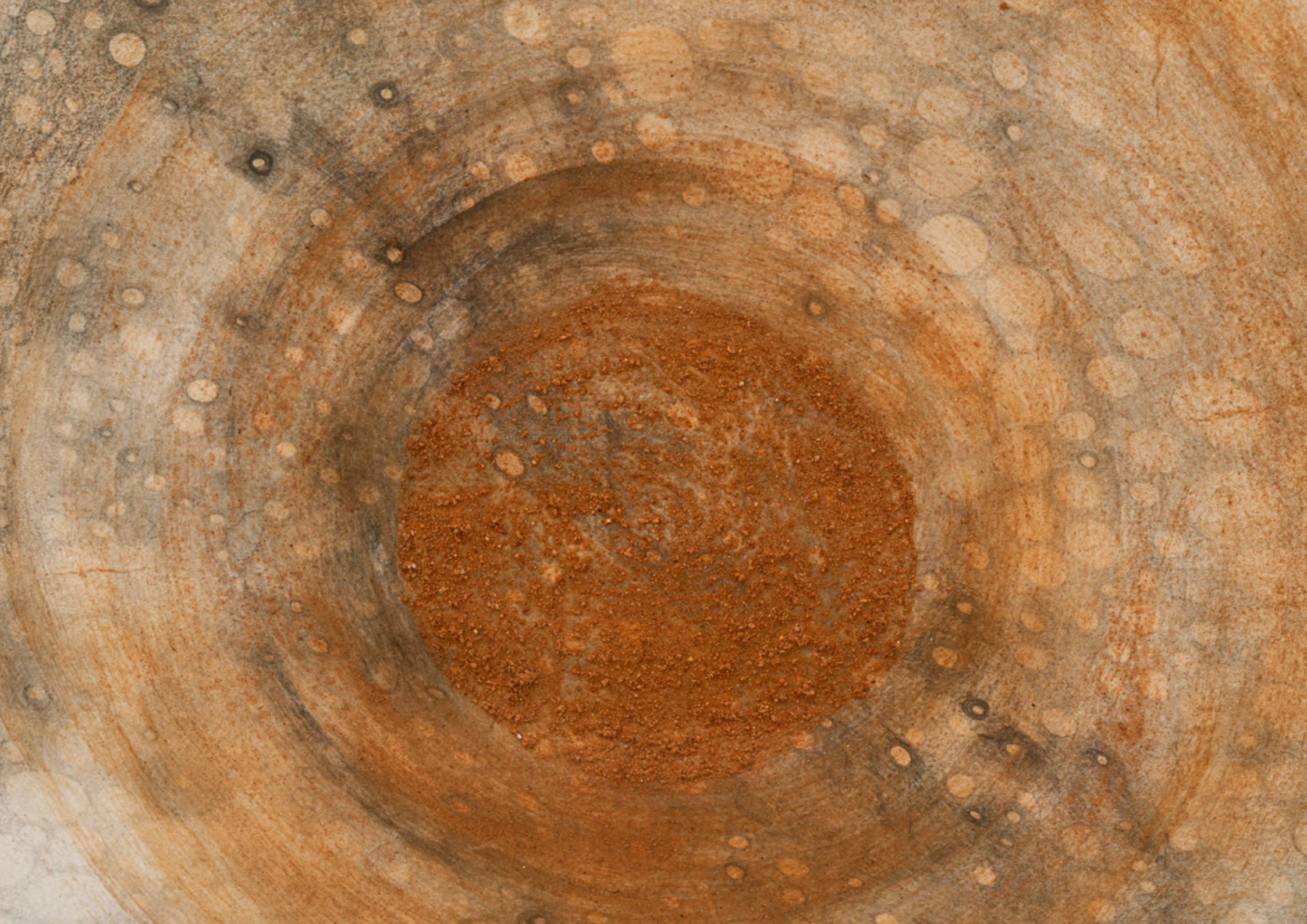




Casa cosmos (2020), por sua vez, faz uso de outro material que a artista investigou intensivamente naquele período: o pó de tijolo. Escavando as paredes de seu estúdio para obter o material, ela consegue um pigmento que lhe permite realizar diversos desenhos. Junto com o grafite, a artista realiza composições abstratas que parecem retiradas do cosmos, possibilitando-nos pensar no próprio lar como universo assim como lembrar que o universo é também morada.

saiba mais sobre a artista

Brígida Baltar
Casa cosmos, 2020
pó de tijolo, cola PVA
e grafite sobre papel
150 × 100 cm



Brígida Baltar
A horta da casa, 1996
temperos e ervas plantados
em 13 tijolos
dimensões variáveis







Em *Cantando na chuva* (2014), um longo tapete vermelho se estende sobre um imenso lixão. Em cima dele, **Berna Reale** dança e desfila sapateando, ao som da icônica música *Singing in the Rain*, como se fosse a personagem de um filme musical clássico de Hollywood. A artista, nessa ação em vídeo e fotografias, questiona a cegueira da sociedade com a pobreza e a situação de vulnerabilidade de parte da sua população.

saiba mais sobre a artista

Berna Reale
Cantando na chuva # 4, 2014
pigmento mineral
sobre papel fotográfico
Premium Luster
edição de 5 + 2 PA
150 × 100 cm

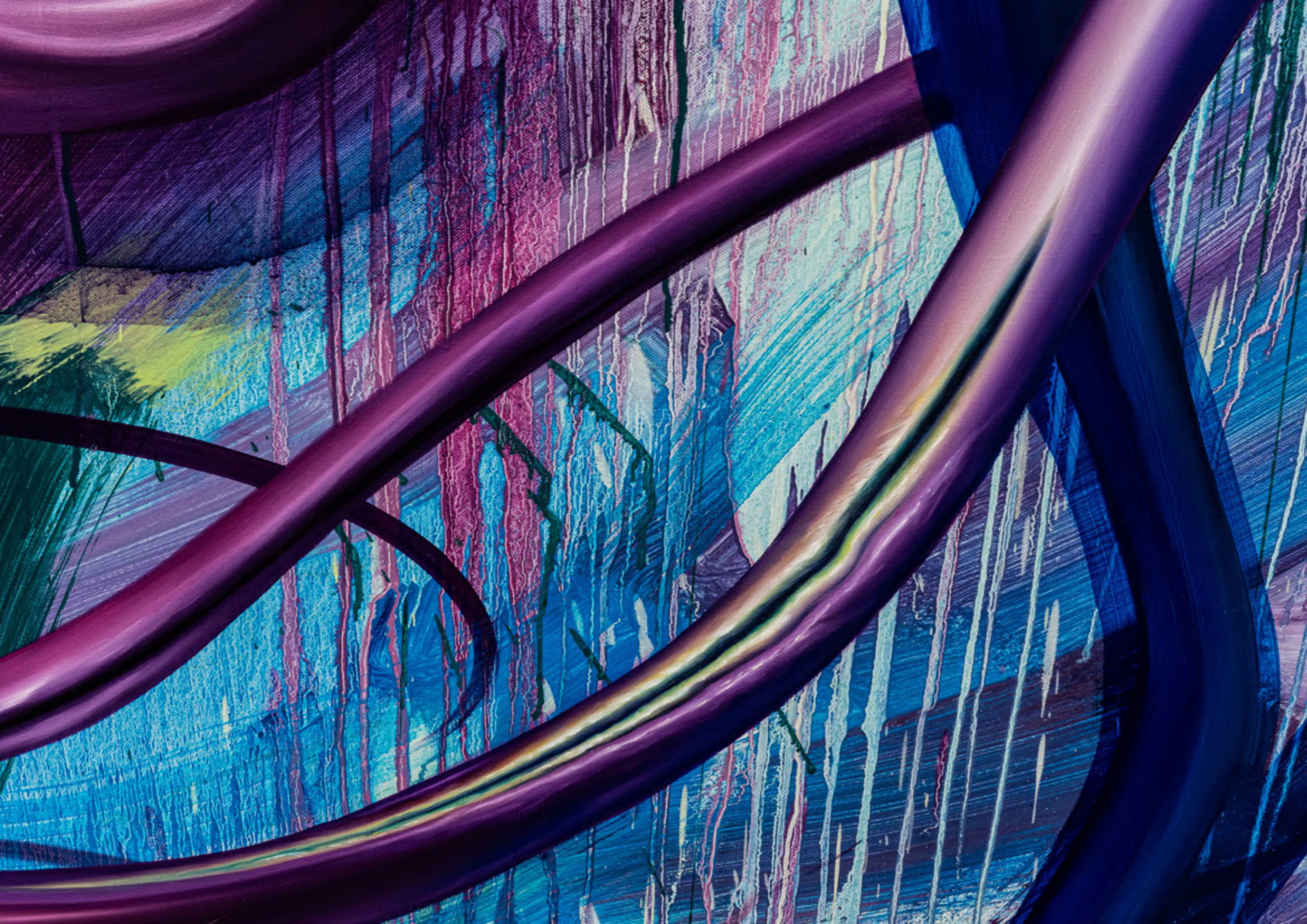
As pinturas de **Rodolpho Parigi** habitam o espaço entre a figuração e a abstração, apresentando estruturas biomórficas que são expressões da experiência individual do artista no mundo. Isso se dá pelo próprio processo de criação das obras em que o artista agrupa fragmentos de imagens das mais variadas origens, combinando-os e sobrepondo-os em suas composições. O resultado são imagens em que a nitidez das figuras comporta a vibração do gesto, oscilando entre o maquínico e o artesanal, o orgânico e o artificial.

“Hoje penso em minhas pinturas como abstrações da realidade,” afirma Parigi, “elas criam uma realidade própria, não existe ponte estabelecida do real para entendê-las, o que realmente posso dizer é que cada um terá uma experiência, que só faz sentido para si próprio. Não é meu papel explicar e sim problematizar o que está estabelecido.”

saiba mais sobre o artista

Rodolpho Parigi
Fancy Parigi, 2015
acrílica e óleo sobre tela
240 x 180 x 6 cm



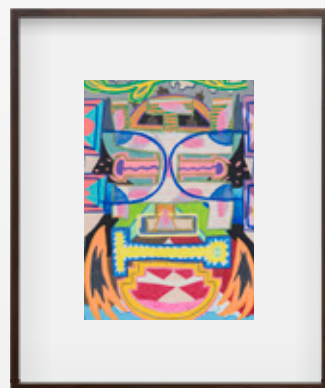
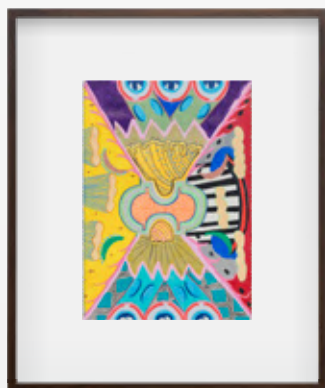
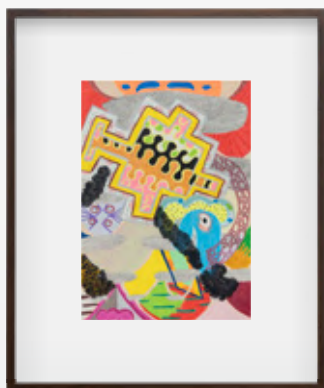
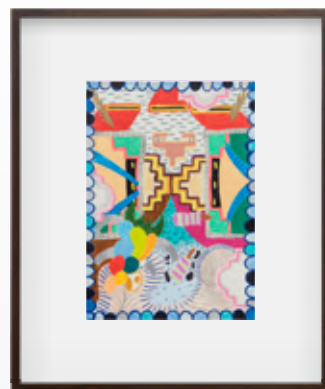
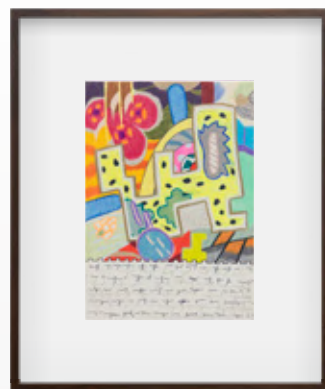




Em dezembro de 2019, **Thiago Barbalho** desembarcou no Peru, em Pucallpa, capital da província de Ucayali, buscando se aproximar das práticas e vivências dos Shipibo-Konibo. É dessa experiência que surge a série *Atrás do que vi (Yarinacocha, Amazônia Peruana)* (2021), em que Barbalho busca criar a própria cosmogonia, feita do encontro entre o gesto e a tradição formal da cultura visual shipibo, lidando com questões de apropriação, pós-colonialismo e alianças. O encontro das culturas nativo-americanas com a estética periférica, que o artista já trazia desde suas origens, produz no trabalho de Barbalho uma aglomeração imagética a respeito de culturas e linguagens normalmente excluídas da história tradicional, reverberando, também, temas como a violência e os conflitos entre cultura de massa e tradição.

saiba mais sobre o artista

Thiago Barbalho
Atrás do que vi (Yarinacocha, Amazônia peruana), 2021
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica e marcador
permanente sobre papel
21 x 14,8 cm



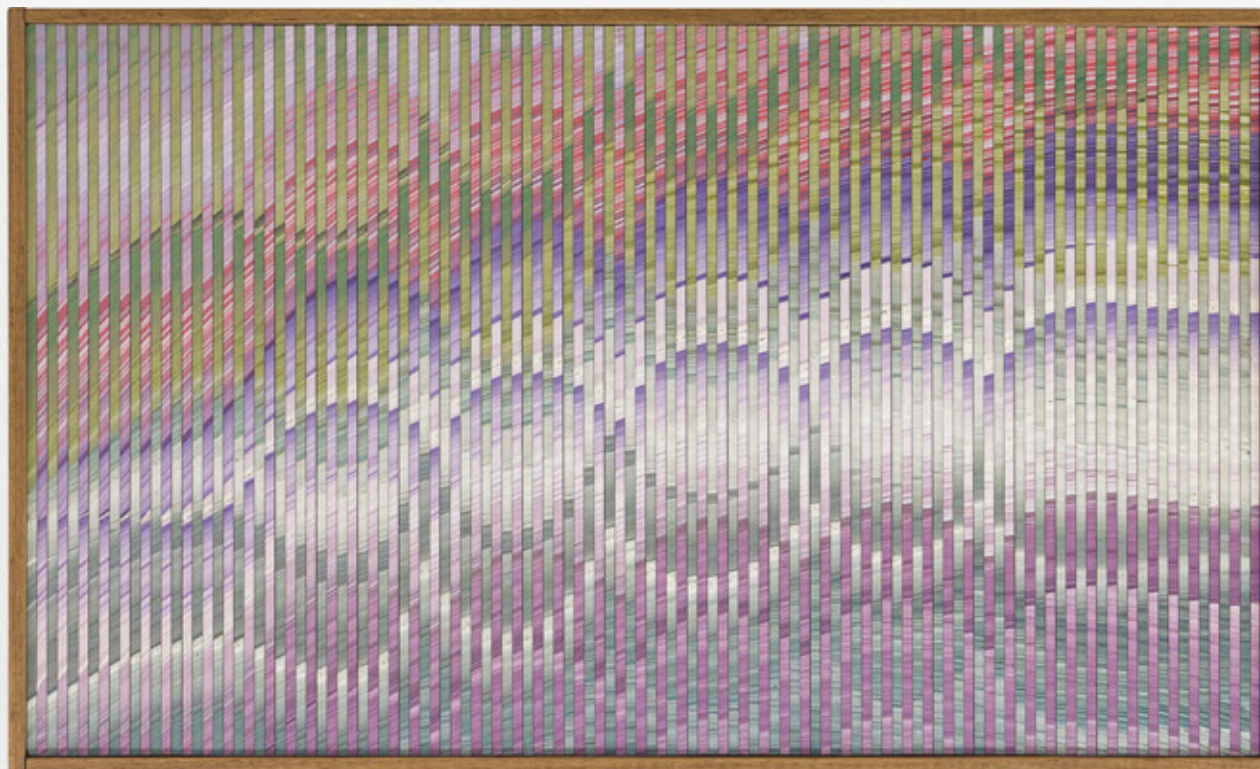
Thiago Barbalho
*Atrás do que vi (Yarinacocha,
Amazônia peruana)*, 2021
lápis de cor, grafite,
caneta esferográfica e marcador
permanente sobre papel
21 x 14,8 cm cada

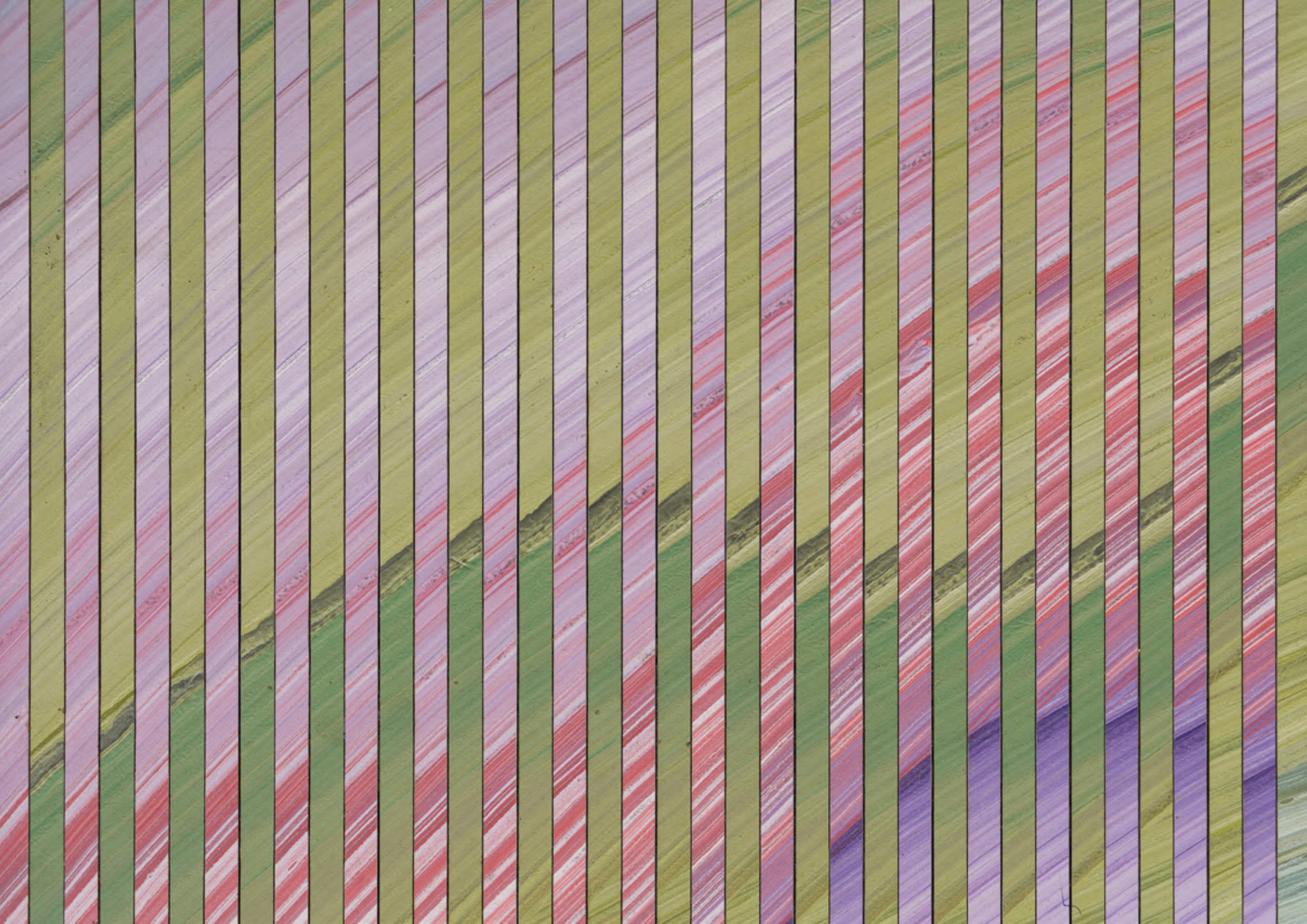


Thiago Barbalho
*Atrás do que vi (Yarinacocha,
Amazônia peruana)*, 2021
lápiz de cor, grafite,
caneta esferográfica e marcador
permanente sobre papel
21 x 14,8 cm

A série *W* representa as últimas investigações realizadas por **Abraham Palatnik**. Iniciada em 2004, ela foi desenvolvida até o fim da vida do artista. Palatnik parte de um mesmo procedimento para construir os trabalhos: primeiro, ele prepara duas pinturas que são seccionadas no sentido vertical, em partes de igual largura, por uma máquina de corte a laser. Em seguida, ele intercala as tiras de madeira de ambas pinturas, criando uma terceira imagem que é o resultado da soma das duas anteriores. Por fim, Palatnik movimenta as varetas em diferentes direções, ressaltando os ritmos e dinâmicas internas da pintura, resultando em uma imagem que parece evocar uma paisagem abstrata, devido à pronunciada horizontalidade de muitas composições.

saiba mais sobre o artista





Saint-Michel (2022) é resultado da pesquisa recente de **Marcos Chaves**, na qual o artista compõe uma imagem da paisagem “de forma a preservar a perspectiva tradicional, mas, ao mesmo tempo, articulando-a em partes isoladas que podem ter vida própria, cada uma sendo em si uma ‘janela para o mundo’”, segundo a curadora Ligia Canongia.

saiba mais sobre o artista



Marcos Chaves
Saint-Michel, 2022
impressão UV sobre alumínio
edição de 5 + 2 PA
140 x 270 x 9 cm





Nos trabalhos recentes de **Karin Lambrecht**, pode-se notar o acirramento da relação de sua pintura com o ambiente natural. *Céu e Capela*, ambas de 2021, são resultado das transformações ocorridas na prática de Lambrecht desde sua mudança de Porto Alegre para Broadstairs, na ilha de Thanet, no Reino Unido. As amplas superfícies de cor com as quais a artista reveste suas telas são reminiscências das impressões e sensações causadas pela paisagem local e suas especificidades de luz, resultando em uma pintura matizada, menos matérica. Lambrecht ressalta, inclusive, que as tonalidades vermelhas desses quadros têm menos relação com a terra, como em trabalhos anteriores, e muito mais a ver com o céu, pois uma das características que mais lhe chamou a atenção em Broadstairs é a qualidade avermelhada que ele adquire ao fim do dia.

[saiba mais sobre a artista](#)

Karin Lambrecht
Capela, 2021
pigmentos em emulsão
acrílica e carvão vegetal
sobre tela
53,3 × 30,2 cm



Karin Lambrecht
Céu, 2021
pigmentos em
emulsão acrílica,
carvão vegetal
e cobre sobre tela
54,2 x 30 cm



Karin Lambrecht
Com Sol, 2015
pigmentos em meio acrílico
e pastel seco sobre lona
98 x 87 cm



Uma vila de pescadores, na costa nordeste do Brasil, tem como ritual o gesto particular de abraçar os peixes capturados. Esse abraço marca um rito de passagem onde o homem retoma sua condição de espécie e, conectando-se com sua presa, a acalma através de uma sequência de gestos que denotam afeto, violência e dominação. Essa ficção romântica de uma comunidade em harmonia com o seu entorno é o centro de *O Peixe*, filme e série fotográfica realizados por **Jonathas de Andrade** com peixes de viveiro e um grupo de pescadores de Piaçabuçu e Coruripe, na região do encontro da foz do Rio São Francisco com o mar entre Alagoas e Sergipe. O trabalho foi comissionado para a 32ª Bienal de São Paulo (2016), tendo participado, ainda, de mostras no New Museum, em Nova York, no Power Plant, em Toronto, e no Museum of Contemporary Art (MCA), em Chicago, entre outras.



saiba mais sobre o artista

Jonathas de Andrade
O espírito das águas 5, 2017
impressão de tinta pigmentada
mineral sobre papel de algodão
edição de 10 + 2 PA
62,8 x 103,5 cm

Marcelo Silveira
Pele XXVI, 2022
madeira cajacatinga,
cera de abelha
e pino metálico
147 x 130 x 44,5 cm



A cajacatinga é uma espécie de madeira característica da mata atlântica brasileira. Parente do cedro, seu odor distintivo e sua maleabilidade, que oferece diversas possibilidades plásticas, são suas principais características. **Marcelo Silveira** elegeu o material como protagonista de sua prática artística baseada na confluência de práticas e métodos tradicionais ligados ao universo da artesanaria, com a estética do universo artístico. Em *Peles*, o artista recupera fragmentos de madeiras queimadas, lixando-as e reunindo-as em diferentes configurações colocadas sobre a parede, como relevos.

“As *Peles* são compostas por peças que não deram certo individualmente”, afirma o artista. “Nesse laboratório, que é o ateliê, você vai excluindo muita coisa. Às vezes você não consegue encontrar solução para uma peça, aí, gradativamente, ela vai se juntando a um grupo e vai criando um conjunto. Esse é o resultado prático do colecionar. Enquanto elas estavam soltas e amontoadas, elas eram um ajuntamento. Compreender essa passagem do que você juntou para o que você coleciona, e passar para o outro essa coleção, é minha intenção. O artista colecionador é o que vai constantemente reorganizando os fragmentos.”

saiba mais sobre o artista

A série *Viagem Pitoresca pelo Brasil* inspira-se nas imagens produzidas por expedições europeias no Brasil durante o século 19. Nessas viagens, artistas e cientistas exploravam, registravam e mapeavam a flora e a fauna do país. Nessa série de fotografias, **Cássio Vasconcellos** dialoga com esse importante acontecimento histórico, reencenando o trabalho desses exploradores ao se aprofundar nas florestas brasileiras, principalmente na Mata Atlântica.

À medida que avançava pelas matas do sudeste do país, Vasconcellos fotografava diferentes cenários, sempre alterando a sensibilidade e a exposição de sua câmera. As imagens foram posteriormente editadas digitalmente para transmitir a mesma atmosfera de densidade e mistério capturada nos registros da época. Desse modo, *Viagem Pitoresca pelo Brasil* estabelece uma relação entre a tecnologia contemporânea e a estética histórica, ao mesmo tempo que nos transmite a natureza intimidante, assustadora e, ao mesmo tempo, fascinante da paisagem brasileira.

saiba mais sobre o artista



Cássio Vasconcellos
*Viagem Pitoresca
pelo Brasil # 27, 2015*
impressão jato de tinta
sobre papel de algodão
edição de 5 + 2 PA
100 x 200 cm

Desde muito tempo a natureza se faz presente na poética das obras de **Laura Vinci**, seja pela utilização de seus elementos, seja pela apropriação de suas formas. Vinci tem desenvolvido esculturas de latão banhadas a ouro que parecem tornar permanentes estruturas vivas como galhos e folhas. Nas palavras do curador Felipe Chaimovich: “o uso do banho de ouro transforma esse momento efêmero da vegetação numa relíquia, como se criasse uma lembrança preciosa para as gerações futuras que enfrentarão enormes desafios perante as transformações da natureza.”

Em 2021, Vinci revisitou o trabalho, criando uma esfera de vidro que abriga uma única folha dourada. Sobre a superfície cristalina lê-se a frase que serve de título ao trabalho “Quem não cuida de si que é terra erra”, verso emprestado de um poema de Gregório de Matos que nos convida a repensar nossas relações com a natureza.

Laura Vinci
*Quem não cuida de si
que é terra erra*, 2021
vidro borossilicato,
pedra granada
e latão banhado a ouro
edição de 5 + 2 PA
Ø 34 cm





Em *Ramo* (2022), Vinci articula motores e roldanas com elementos da natureza. Os dispositivos criam pequenos movimentos que agitam os galhos e folhas, remetendo a um gesto de espasmo, como se estivessem exaltados ou em perigo. A máquina, criação humana por excelência, representativa do nosso desenvolvimento industrial que nos distanciou da natureza, é abordada por Vinci no sentido inverso, de aproximação com a mesma, sensibilizando-nos de modo a evidenciar a necessidade de preservar o mundo natural.

saiba mais sobre a artista

Laura Vinci
Ramo, da série *Maquinamata*, 2022
flores secas, motores e latão
banhado a prata
edição de 5 + 2 PA
aproximadamente 180 x 188 x 50 cm



Cheese (2020) integra a série *Fundos*, na qual **Lucia Koch** explora as características arquitetônicas de objetos cotidianos. A artista fotografa interiores de caixas de papelão utilizadas para embalar alimentos, bebidas e outros itens. Cada imagem, por sua vez, tem o nome do produto da embalagem fotografada. O título, então, toma ares tautológicos que evocam a natureza concreta do produto, tensionando o encanto ilusório da perspectiva instaurado pelo ângulo fotográfico eleito pela artista.

Somos tomados, ainda, pelo sentimento de estranhamento que surge ao nos confrontarmos com objetos familiares que se apresentam sob novas perspectivas, capazes de perturbar nossa percepção. A estratégia estética de Koch, consiste, então, em uma operação do olhar que transforma o ordinário – as embalagens –, em imagens extraordinárias.



saiba mais sobre a artista

Lucia Koch
Cheese, 2020
impressão de pigmento
em papel de algodão,
laminado UV fosco
edição de 6 + 1 PA
96 x 144 cm



A potência renovadora da prática do **Sérgio Sister** para o campo pictórico busca a integração dos elementos fundamentais da pintura – cor, luz e gesto –, criando composições cromáticas de efeitos únicos e sutis a partir da sobreposição de zonas de cor na mesma superfície.

Em especial, as *Pinturas com ligação* nos fazem refletir sobre a riqueza de efeitos gerados pela relação de vizinhança entre as cores, entendendo suas relações não só internas ao quadro, mas com o espaço ao redor.

Essas características, fazem das telas de Sister expressões de uma “pintura densa, rica em texturas e matizes de superfície, fundamentalmente monocromática”, nas palavras do curador e historiador da arte Luis Pérez-Oramas. O monocromo, então, é o gênero contemporâneo ao qual o artista tem se dedicado desde a década de 1980, tornando-se “um dos mais sutis e complexos exemplos de pintura monocromática na América.”

[saiba mais sobre o artista](#)

Sérgio Sister
Laranja sobre azul, 2016
tinta óleo sobre tela
45,1 × 34,9 cm



da esquerda
para a direita

Sérgio Sister
Sem Título, 2014
tinta óleo sobre tela
30,2 × 24,2 × 2 cm

Sérgio Sister
Laranja sob dourado, 2015
tinta óleo sobre tela
38 × 46 cm

Sérgio Sister
Amarelo sobre grafite, 2014
tinta óleo sobre tela
22 × 16 cm

Sérgio Sister
Laranja sobre azul, 2016
tinta óleo sobre tela
45,1 × 34,9 cm

Sérgio Sister
Laranja Madura, 2006
tinta óleo sobre tela
22,9 × 30,5 cm

Sérgio Sister
*Mundo amarelo
com ligações
cobre e bronze*, 2022
tinta óleo sobre
tela e alumínio
35 × 84 cm



Pintora em sua essência, **Maria Klabin** possui repertório figurativo que envolve cenas e situações onde muitas vezes a ênfase recai na dimensão paisagística, permeada por um cotidiano que é visto e vivenciado de forma exaustiva. Segundo o curador Luis Pérez-Oramas, “suas impressionantes pinturas são verdadeiros repositórios do traçar do gesto, da densidade da tinta à óleo, das suas pinceladas amplas, ambiciosas, fluídas e líquidas, comportando-se como as principais formas de estruturação arquitetônica de suas composições.”

saiba mais sobre o artista

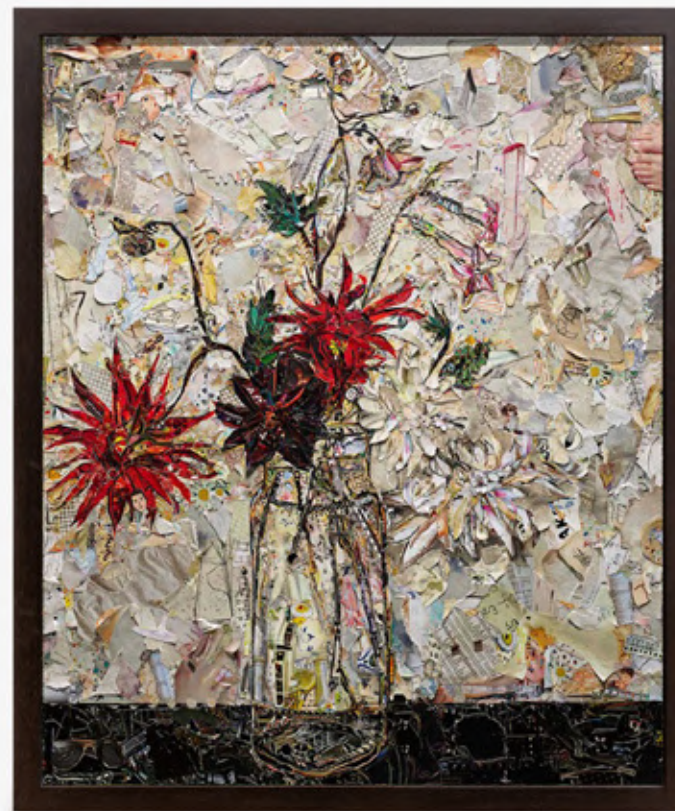
Maria Klabin
Matagal (Pantanal 5), 2021
tinta óleo sobre tela
100 x 100 cm





Repro faz uso de sobras de publicações impressas – folhetos, catálogos, cartazes, etc – de museus e instituições culturais. Ao recombinar fragmentos de imagens para recriar uma obra de arte icônica, **Vik Muniz** faz que o ato de observar seja uma negociação física, dado no aproximar-se e distanciar-se do trabalho, ora vendo a miríade de imagens que compõem os detalhes, ora percebendo a totalidade da composição. Com isso, o artista nos lembra que toda imagem é resultado de várias outras, sejam aquelas que compõem a tradição da história da arte, ou as da cultura popular. Embora o artista estabeleça diálogos com a pintura, a obra não é uma pintura; e como imagem fotográfica de uma obra que, autonomamente e fisicamente, já existe ela acabar por envolver o espectador em uma rede de questões sobre a percepção, a ilusão e as implicações conceituais de cada uma das mídias ali entrelaçadas.

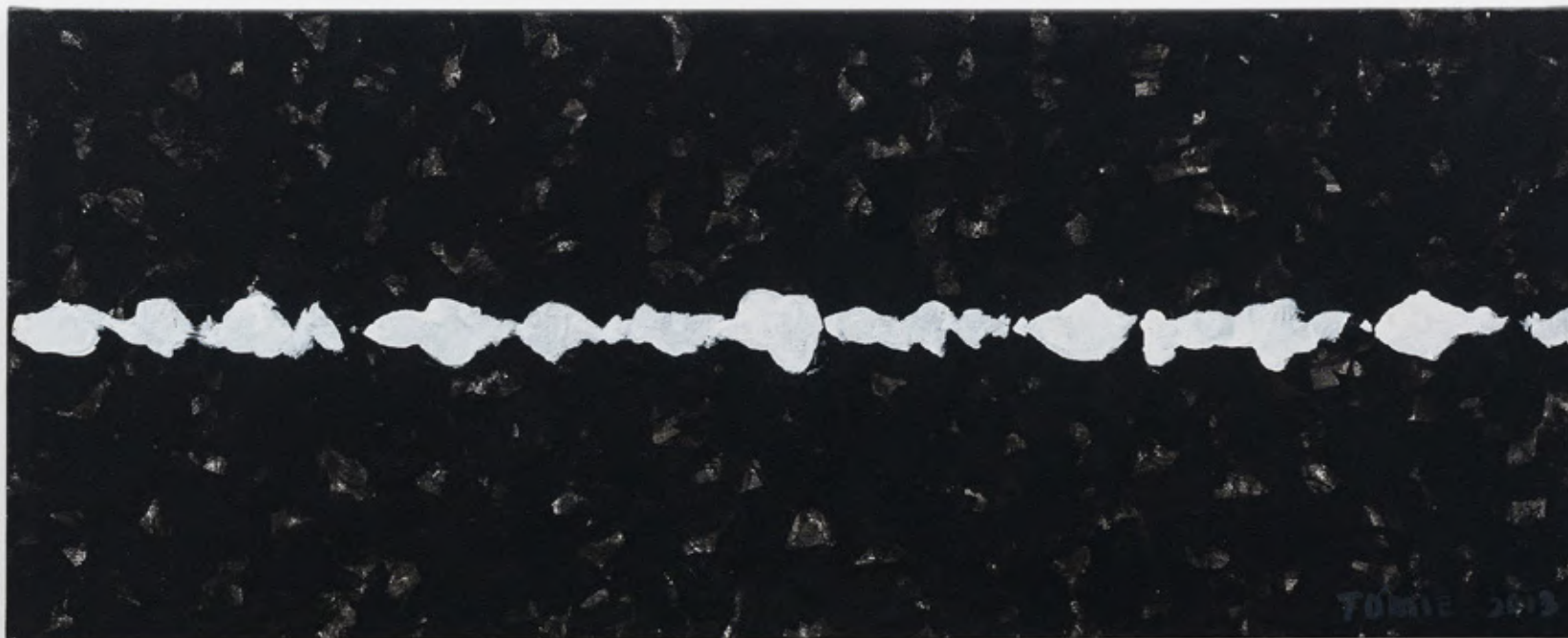
saiba mais sobre o artista



Vik Muniz
*Repro: Dahlias, a partir de
Leonard Tsuguharu Foujita, 2021*
impressão jato de tinta
em papel archival
edição de 6
122,4 × 101,6 cm



Tomie Ohtake
Sem título, 2013
tinta acrílica sobre tela
60,5 × 150,5 × 3,5 cm



Pintada no ano de seu centenário, *Sem título* (2013) integra o último grupo de trabalhos desenvolvido por **Tomie Ohtake**. Ainda que essas pinturas dialoguem com a tradição da pintura monocromática, o uso da artista de uma única cor é, na realidade, um modo dela enfatizar a materialidade da tinta e o gesto da pincelada. Tendo em vista que grande parcela das pinturas

desta série são brancas, a ausência de cor deixa transparecer de modo determinante a textura da superfície que faz irromper, pela sua irregularidade, jogos de luz e sombra. Esses trabalhos são resultado de mais de cinquenta anos de carreira, em que Ohtake investigou a densidade do espaço pictórico, fazendo da cor o elemento gerador da forma.

[saiba mais sobre a artista](#)





Na noite de 2 de setembro de 2018, um incêndio consumiu o Museu Nacional do Rio de Janeiro, queimando quase todo o seu acervo histórico e científico acumulado ao longo de duzentos anos. Ao entrar em contato com o museu para ver como poderia ajudar, **Vik Muniz** conheceu o extraordinário trabalho de meta-arqueologia que os cientistas estavam fazendo para recuperar o pouco que restava desse incidente devastador. Os arqueólogos concordaram em fornecer a Muniz todo material passado por peneiras, compartilhando o local exato onde as cinzas foram coletadas. A partir de imagens existentes, Muniz recriou os objetos com suas próprias cinzas e os fotografou. Ao fundir forma e matéria, Muniz não só resgata a memória dos artefatos, mas também nos lembra que a vida, assim como a arte, é resultado das interações entre mente e matéria.

Vik Muniz
Museum of Ashes: Beetle,
2019
impressão de jato de tinta
em papel archival
edição de 6
26,7 x 20,3 cm

Vik Muniz
*Museum of Ashes:
Pompeii Fresco (Detail)*,
2019
impressão de jato de tinta
em papel archival
edição de 6
58,4 × 50,8 cm

Vik Muniz
*Museum of Ashes:
Lepidoptera Nymphalidae*,
2019
impressão de jato de tinta
em papel archival
edição de 6
101,6 × 76,2 cm

Vik Muniz
Museum of Ashes: Beetle,
2019
impressão de jato de tinta
em papel archival
edição de 6
26,7 × 20,3 cm

Vik Muniz
*Museum of Ashes:
Seashell fossil, Paris Bay,
45 million years*, 2019
impressão de jato de tinta
em papel archival
edição de 6
76,2 × 101,6 cm

Vik Muniz
*W (Luzia), 11,243-11,710 Years,
Minas Gerais, Brazil*, 2019
impressão de jato de tinta
em papel archival
4/6 + 4 PA
101,6 × 76,2 cm



1



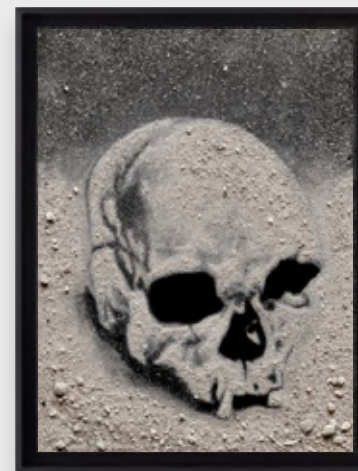
3



2



4



5





nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art